



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

ANA PAULA ALVES DE OLIVEIRA

**CONVIVÊNCIA ESCOLAR: AS MUDANÇAS SOCIAIS E SUA
INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO E NA ORGANIZAÇÃO DO
TRABALHO PEDAGÓGICO**

Planaltina – DF

Julho 2018



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

ANA PAULA ALVES DE OLIVEIRA

**CONVIVÊNCIA ESCOLAR: AS MUDANÇAS SOCIAIS E SUA
INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO E NA ORGANIZAÇÃO DO
TRABALHO PEDAGÓGICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência para a obtenção de título de Licenciada do Curso de Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Olgamir Amância Ferreira de Paiva e co-orientação da prof^a. Dr^a. Jeane Cristina Gomes Rotta.

Planaltina - DF

Julho 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que, direta ou indiretamente participaram da minha jornada de graduação no curso de Ciências Naturais da Universidade de Brasília.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida e por me dar forças durante toda essa trajetória acadêmica. Aos meus pais, Pedro Raimundo (in memorian) e Maria Edirce por serem o meu equilíbrio e minha base. A minha família que mesmo não estando ao meu lado, está sempre presente, em sintonia, com pensamentos positivos. Meu porto seguro. Ao meu esposo, José Vilmar, por acreditar em mim e aos meus filhos, Pedro Lucas e Evelyn, que representam tudo para mim, e que souberam compreender minhas ausências, me dando-me sempre muita força e apoio. É Por quem eu luto sempre.

Aos amigos que conquistei ao longo dessa caminhada acadêmica, pelos momentos de desesperos e alegrias vividos. Pessoas especiais as quais não esquecerei jamais, afinal, participaram da minha formação acadêmica. A todos os Professores, pelos ensinamentos, em especial à Professora Dra. Olgamir Amância, minha orientadora que, apesar de todas as dificuldades, nunca deixou de ter em mim confiança, e a resposta certa para os meus anseios, e também à professora Dra. Jeane Rotta co-orientadora, pela visão humana e amiga que sempre demonstrou em todos os momentos.

CONVIVÊNCIA ESCOLAR: AS MUDANÇAS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO E NA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Ana Paula Alves de Oliveira¹

RESUMO:

Escola e família constituem dois contextos de desenvolvimento fundamentais para a trajetória de vida das pessoas. Este trabalho acadêmico acerca da temática “Convivência Escolar: As mudanças Sociais e sua influência na Educação e na Organização do Trabalho Pedagógico”. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo. Foi desenvolvida em duas escolas pública de Ensino Fundamental da Região Administrativa de Sobradinho/DF. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semi estruturadas e questionários, onde participaram 08 professores, tendo como objetivo conhecer a percepção do professor sobre indisciplina e sobre como a família pode contribuir para amenizá-la. Esse tema estudado é relevante devido as mudanças que a sociedade contemporânea está passando. A partir da análise de dados, a compreensão acerca da importância da interação familiar no desenvolvimento das crianças ficou explícita, confirmando todos os levantamentos bibliográficos realizados em literaturas especializadas no assunto em questão.

Palavras-chaves: Indisciplina; Limites; Famílias; Organização do trabalho

1. INTRODUÇÃO

Hoje em dia, convivemos com jovens desinteressados com a escola, e, muitas vezes, carentes de afeto (BIN, 2011). Muitos fatores podem influenciar na apatia dos estudantes frente as questões relacionadas ao aprendizado dos conteúdos e isso, de acordo com a autora, é alvo de preocupação no ambiente escolar.

Tenho observado pela mídia e por minhas experiências durante os estágios supervisionados que a indisciplina está muito frequente no ambiente escolar. Isso tem sido uma preocupação e um grande desafio enfrentado pelos educadores em diversas instituições de ensino, pois fica evidenciado que essas situações dificultam a relação dos professores com os alunos e podem dificultar o processo de ensino-aprendizagem (GARCIA, 2009; MOURA; PRODÓCIMO, 2017). Diante dessa conjuntura e percebendo o desconforto do professor perante a situação, me senti incomodada com os relacionamentos interpessoais do contexto escolar, principalmente dentro da sala de aula, e como futura profissional da área de educação, comecei a refletir sobre esse cenário e cheguei a seguinte problematização: Como o professor percebe a indisciplina e como considera a influência familiar perante ela. Como a indisciplina influencia sua prática pedagógica e na aprendizagem do aluno?

¹ Curso de Ciências Naturais - Faculdade UnB de Planaltina

Portanto, acredito que discutir família e suas atribuições é importante, pois nos leva a refletir a respeito da importância na educação do jovem, que é fundamental para a disciplina na escola, e para a vida dele em sociedade. Para Piaget (1994), o desenvolvimento moral da criança se dá de forma conjunta ao desenvolvimento lógico dela e o seu processo de adaptação ao meio e as regras. E ainda sobre o assunto, Rego (2003) defende que a família e a escola dividem funções sociais, políticas e educacionais, conforme colaboram e influenciam a formação do indivíduo.

Nesse contexto, é importante pensarmos que pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2003 mostra que 47% dos domicílios já se organizavam de forma que, no mínimo, um dos pais estava ausente, revelando também a mudança no modelo clássico de família, com pai, mãe e filhos do mesmo casamento. Portanto, podemos nos questionar quais seriam as implicações da atual organização familiar no contexto escolar e se haveria alguma relação com a indisciplina dos estudantes.

Entretanto, é importante ressaltar que a indisciplina no ambiente escolar é um tema polissêmico e que os professores apresentam diferentes representações sobre ela (GARCIA, 2009; MOURA; PRODÓCIMO, 2017). Portanto, considero o tema relevante, devido às diversas mudanças que a sociedade contemporânea está passando e a necessidade de questionamentos e propostas que possam colaborar na construção de ações coletivas para melhoria do desempenho escolar dos alunos, pois acredito que a educação pode transformar um indivíduo. Nessa circunstância, precisamos ter consciência da importância da família na formação do caráter do indivíduo e da atuação fundamental do professor (a) no processo ensino- aprendizagem (CARVALHO; RODRIGUES, 2016). Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi conhecer, a percepção do professor sobre indisciplina e sobre como a família pode contribuir para amenizá-la.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1- A Família

No Brasil, a família passou por diversas mudanças, desde a colonização escravocrata, que prevaleceu até o século XIX, até as transformações causadas pela modernidade e industrialização. Entretanto, é preciso compreender que, em cada época histórica, não havia

um único modelo de família “mas que modelos e estruturas familiares surgem de forma simultânea. Alguns modelos ideologicamente arraigados na sociedade pelas esferas dominantes predominam por longos períodos como hegemônico” (GEBARA, 2014, p.48). De acordo com Boarini (2003, p. 1), o modelo tradicional de família de uma sociedade burguesa a união entre o casal é definitiva e os pais têm papéis claramente definidos. Esse modelo foi predominante e considerado ideal.

[...] diremos que na sociedade burguesa o sangue e a habitação em comum constituem-se em características determinantes da formação da família, cujos membros, via de regra, são constituídos de pai, mãe e filhos. A união entre o homem e a mulher é selada como eterna ou até a morte, e sua finalidade principal é a reprodução. A manutenção deste grupo é realizada pelo pai, provedor financeiro, e a mãe, provedora dos cuidados domésticos.

No entanto, as transformações são constantes em uma sociedade globalizada e tecnológica, refletindo em uma nova constituição familiar com diferentes atribuições para os seus constituintes. Souza (2008) destaca que até 1968 quem cuidava dos filhos eram as mulheres, mas com uma nova estrutura social familiar, tem-se percebido que as atividades (funções) vão se tornando menos hierarquizadas e as mulheres assumem outros papéis e ingressam mais fortemente no mercado de trabalho.

Ao longo das últimas décadas o debate sobre a crise da família, no Ocidente, foi propiciado pelos efeitos da generalizada aceitação social do divórcio, do declínio da instituição do casamento e da baixa taxa de fecundidade. Esses acontecimentos tanto indicaram a compreensão de que se delinear a enfraquecimento da família, quanto sugeriram a análise do surgimento de novos modelos familiares, caracterizados, por sua vez, pelas mudanças nas relações entre os sexos e as gerações, [...] (SOUZA, 2008, p.8)

Essa mudança no Brasil ocorre a partir dos anos de 1930. Já na Europa, com a Revolução industrial, acontece no século XIX e mais expressivamente após as Guerras Mundiais (WAGNER; VIEIRA; MACIEL, 2017). Assim, reflexo de uma sociedade moderna, onde as mulheres estão mais inseridas no mercado de trabalho, os casais optando por ter menos filhos, pois as relações conjugais são desvinculadas da reprodução, há novas formas de educar os filhos e a terceirização do cuidado infantil. Entretanto, Wagner, Vieira e Maciel (2017) alertam que, desde a antiguidade clássica, especialmente na Grécia e em Roma, já ocorria a terceirização dos cuidados infantis. Assim, percebemos que essas mudanças repercutem também nas dinâmicas familiares (GEBARA, 2014) e para a autora “A nova família, que era definida pela obrigação e hoje é definida pelo afeto” (p. 59). Nesse sentido, atentamos para a mudança na legislação brasileira sobre o conceito de família que buscou explicar as relações familiares contemporâneas na afetividade:

A evolução política, econômica e social foram palco para a transformação da dimensão de família que se deu desde o Código de 1916 até aos Princípios Constitucionais consagrados na carta de 1988. Neste ambiente de inovações e adaptações é que os novos modelos familiares, formados pela união de afeto, passaram a fazer parte do Direito de Família. Assim, regido pelos princípios e regras constitucionais, pelas regras e princípios gerais do direito de família aplicáveis e pela contemplação de suas especificidades, a tutela da afetividade e da realização da personalidade humana, houve a formação social onde se pode nascer, ser, amadurecer e desenvolver os valores da pessoa (LEVY, 2010, p.4).

Portanto, a família brasileira atual tem uma constituição diversificada, podendo ser formada por casais homossexuais ou organizada em torno de um único genitor (monoparental que surgiu inicialmente com a emancipação feminina), com pais ou mães solteiros ou separados (WAGNER; VIEIRA; MACIEL, 2017). Atualmente são encontradas famílias cujos papéis estão indefinidos quando relacionados com os modelos tradicionais, cujos papéis eram rigidamente definidos. Porém seja qual for sua formação, “é papel da família contribuir para uma boa formação de caráter dos seus filhos, repassando os valores éticos e morais, sem eximir da sua responsabilidade o papel de educadora” (ANTUNES, 2005, p. 53).

Mas quais seriam esses valores? Como percebemos esses são mutáveis, assim como a sociedade. As hierarquizações sociais e de valores mudam conforme o novo modelo familiar social, de acordo com Souza (2008, p.10):

Que formula uma abordagem sociológica da percepção de como se expressam sentimentos e emoções no âmbito da família durante o século XX, destaca a predominância, a partir da segunda metade desse século, de relações menos hierarquizadas, quer entre o casal, quer entre pais e filhos - ambas sob o olhar atento dos agentes do Estado (demógrafos, psicólogos, assistentes sociais e sociólogos). Assinala, todavia, que os conflitos não deixam de existir no contexto familiar.

Com todos dentro de casa possuindo os mesmos deveres e direitos, falando de igual para igual, filhos e pais estão perdendo a noção de obediência e passando a fazer individualmente o que querem, desconhecendo certas regras e limites que eram demarcados pela simples hierarquia de pai, mãe e filhos onde aquele que define e gera obediência dos outros. Agora, temos a modernidade de filhos decidindo a vida dos pais e pais os esperando para serem dominados, por não estarem preparados para serem adultos, no que coincide com a mãe, dizendo: Eu não sei o que fazer com esta criança (GEBARA, 2014).

Agora se refletirmos qual a atuação da família junto às instituições escolares, estudos indicam que, quando a família participa ativamente da vida escolar de seus filhos, os índices de indisciplina e violência tendem a ser menores. Como descreve Leite (2015, p.43):

Silva et all (2009), empreenderam um estudo no qual constataram haver atualmente no Brasil, um considerável número de debates a respeito do fracasso escolar. Dentre tais pesquisas destacam Polônia et all (2005) e Paro (2007) as quais constataam a influência da família na produção do sucesso escolar do aluno, e, por outro lado, como são apontadas como culpadas pelo fracasso escolar dos filhos, sendo uma impulsionadora do desinteresse escolar e da desvalorização da educação se ocorrer um distanciamento da mesma, da vida escolar de seus filhos.

Na legislação brasileira, existe a obrigatoriedade de os pais colocarem os filhos na escola, assegurando a eles o direito à educação. Isso é assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que rege a educação Brasileira. E em seu artigo quinto, no inciso 2, sublinha três, indica que a responsabilidade da criança de ir à escola e ser frequente, não é dela e sim dos pais. Como descreve a LDB (BRASIL, p. 11) “III – zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.” Essa mesma Lei, em seu Artigo 1º, regulamenta que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LDB, 1996, p.8).

Acredito que educar adequadamente um filho para viver em sociedade seja responsabilidade da família atual. Pois a atenção e cuidados dos pais possivelmente são reflexo das ações das crianças e jovens. Convém dizer que alunos que respeitam os pais costumam respeitar o professor.

No decorrer dos séculos, a família passou por uma transformação marcante na sua constituição e as pessoas estão cada vez mais atarefados, mas é importante que os pais desempenhem seus papéis dentro da família.

2.2 - Indisciplina e Limites: “Hora do Sim e Hora do Não”

A educação de antigamente era diferente. Quando lemos esta afirmação, a memória logo acusa a castigos e conversas que realmente demarcaram e disciplinavam o nosso comportamento e a forma como agíamos com os mais velhos e com os outros. Existia o receio e até o medo da punição. “Com as mudanças ocorridas durante o século XX, tanto no campo das relações humanas como no da educação, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer” (ZAGURY, 2001, p.13). E passou-se a ouvir o querer, o que as crianças tinham a dizer e como elas queriam que fosse.

Existem vários livros, estudiosos, mães e vários escritores que defendem como se deve educar. São tantas pessoas para ter ideias e formar conceitos, normas e regras, porém quem vai obedecer-las é uma questão que deve ser perguntada, será os pais ou os filhos, ou educadores, já que alguns acham que quem deve educar é a escola, ou melhor o professor. Observamos que, às vezes, os professores que perguntam aos pais: Quem manda na sua casa você ou seus filhos? Porque visualizam pais que permitem que os filhos façam tudo da maneira deles, onde eles é que falam mais alto e ditam o que deve ser obedecido. Segundo Carvalho e Rodrigues (2016):

E os pais sabem como ninguém que educar é um exercício de teimosia é preciso insistir nessa rotina até que seja cumprida, manter sempre informações quanto as metas, realizações e atividades escolares de seus filhos, e ainda perceber que o problema de muitos jovens é a carência familiar, e muitas vezes o que os filhos mais precisam é de amor, carinho, companheirismo e compreensão. (CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.14)

Muitas vezes, pais e mães apresentam grandes “dificuldades ao tentarem colocar em prática aquelas ideias tão lindas que tinham em mente ao iniciarem o longo e delicado caminho da formação das novas gerações: "comigo vai ser tudo diferente, não vou ser igual aos meus pais em nada...", afirmam, convictos” (ZAGURY, 2001, p.13); na prática, as coisas mudam, o ‘Eu nunca vou fazer’ passa a: ‘Filho desculpe, neste momento abraça e beija “ e a criança percebe que pode até apanhar, ficar de castigo, mas que dominam, porque os pais cada vez mais apresentam culpa e para se redimir fazem o que o filho quer. Vale ressaltar que reconhecer que se está errado é necessário, porém não no momento em que se está corrigindo, ou a consequência será reversa, como os pais perderem a autoridade e se desesperem como escreve Zagury (2002, p.16):

Onde foi que eu errei? Perguntam-se, desesperados os pais. Afinal, conversam, explicam, não agridem, não impõem, não batem, não castigam... e no fim, a vida está virando um verdadeiro inferno, quanto mais fazem, mais os filhos querem que se faça, já não sabem mais o que dizer, como agir, estão desesperados! Um belo dia, percebem-se, admirados, a dizer "no meu tempo não era assim", aquela frase odiável que ouviram tantas vezes e, agora, quem diria, eles próprios a estão dizendo, e o que é pior, resolveram "virar a mesa", estão castigando os filhos, berrando, se escabelando, irritados, perdidos...

Zagury (2002) coloca o desespero dos pais e também que o meio- termo pode ser a solução, que limites são necessários para a compreensão de si e do outro. Algo muito ensinado na escola e que deveria ser aplicado até o fim da vida, porém, pela atual conjuntura indisciplinar das salas de aula, famílias não colocam limites. Tudo isso nos leva a acreditar que o filho que não respeita o pai, não respeitará o professor. Então, qual seria a solução?

Dias (2015) esclarece que “aquilo que vai perceber é que o crescimento e o desabrochar de uma criança acontecem justamente quando a aceitamos e lidamos com a natureza com que ela nasceu” (p. 32), significando que a criança começa a desenvolver -se a partir do momento em que chegam no mundo com as mais variadas coisas inclusive a luz.

Mesmo quando a criança cresce, e começa a ter opinião própria, a fazer coisas contrárias ao que você pai e mãe, supostamente, um superior, determina o que é permitido ou não, a primeira coisa que muitos dizem é você já está grandinho tem que assumir suas responsabilidades e deixa a criança ou adolescente agir sozinha, abandona-a, quando na verdade deveria “aceitar a sua natureza e guiá-la no seu crescimento. E esse é o primeiro passo para uma parentalidade mais simples e mágica, que não tem de ser punitiva, passar por castigos nem ser baseada no *laissez faire, laissez passer*, ou seja, não é permissiva (DIAS, 2015, p. 32).

Dias (2015) deixa claro que a transformação da criança nas diferentes fases da sua vida, como a transição da infância para a adolescência, é necessário primeiramente aceitação dos outros para com ela e dela para consigo. “É fundamental acreditar que dar limites aos filhos é iniciar o processo de compreensão e apreensão do outro (atualmente muita gente acredita que o limite provoca necessariamente um trauma psicológico) ” (ZAGURY, 2002, p.4), mas a verdade é que colocar limites que é algo social, é o que chamamos de educação.

Os limites apontam consequências e possibilidades na vida social. Se um indivíduo quebrar as regras, será punido. Mas também estabelece que o respeito aos limites é como o respeito a si próprio. “Ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites — e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo o que se deseja na vida” (ZAGURY, 2002, p.4).

É necessário que o adolescente interiorize a ideia de que poderá fazer muitas coisas. No entanto, há restrições: de momento, hora, lugar e com quem. O adolescente deve compreender que cada situação é única, e mais, deve pensar em satisfazer o seu pessoal sem prejudicar o próximo ou a sociedade vigente.

Os limites ou a falta deles possuem fases bem nítidas, a inicial que ocorre a partir dos 6 anos, onde prevalece um comportamento egocêntrico e hedonista, período este em que os valores estão sendo formados, começando a perceber o que é certo ou errado. Neste momento,

a escola é um grande auxiliador. A indisciplina que ocorre na escola pode ser chamada de duas formas como cita Moura e Prodócimo (2017):

A indisciplina curricular refere-se ao rompimento do contrato pedagógico prejudicando o desenvolvimento da aula e a aprendizagem escolar, ou seja, quando o aluno desrespeita regras interferindo negativamente na aprendizagem própria ou de seus pares (OLIVEIRA, 2015).

A indisciplina regimentar rompe com regras para a organização do ambiente escolar, pois num ambiente complexo, como as escolas, onde circulam inúmeras e diferentes pessoas no dia-a-dia, são necessárias regras que possibilitem uma organização do tempo e do espaço condizente com o objetivo de aprendizagem (MOURA; PRODÓCIMO, 2017, p.50-51)

Quando o aluno age contra as regras, é considerado um aluno indisciplinado pois age contra a sua aprendizagem e a dos outros, atrapalhando todo o contexto organizacional do trabalho pedagógico e faz com que o professor tenha uma aula desestabilizada, sem cumprir seus objetivos e metas para aquela aula.

“As crianças aprendem a comportar-se em sociedade ao conviver com outras pessoas, principalmente com os próprios pais. A maioria dos comportamentos infantis é aprendida por meio da imitação, da experimentação e da invenção” (TIBA, 1996, p.15). É nos pais que a criança tira um parâmetro de comportamento social, vendo como são, procuram imitá-los. Se uma criança vê os pais sendo grosseiros e mal-educados, cresce com a ideia ruim de que aquele comportamento é correto e poderá ser um adolescente mal-educado e um adulto desagradável e isolado.

Quando os pais trabalham e educam adequadamente as situações que surgem e, calmamente, mesmo sendo cansativo, estabelecem os limites, por meio de falas otimistas, valorizam o que seu filho fez de melhor e ensinam o que ele errou, com o passar do tempo, os filhos tendem a parar de errar, por ter aprendido as regras e conseguem viver socialmente com os demais. “A esse respeito, Parolin (2003) afirma que os pais promovem uma corrida “para a qual a criança não está preparada — uma corrida contra ela própria, contra suas possibilidades maturacionais” (PAROLIN, 2003, *apud* GARCIA, 2016, p. 24) e assim estas crianças terão dificuldade de adquirir autoestima e até mesmo sentir afetividade de outros que não seja daqueles que ela espera.

A conversa é a teoria vencedora na hierarquia para se educar com limites. Outro ponto importante é fazer com que a criança se perceba com autonomia, porém que terá muito mais atenção, se agir como corresponsável das relações escolares harmoniosas.

O ato de estudar é imprescindível e os filhos devem compreender que faz parte de sua obrigação vivencial. O ato de não estudar e não se comportar em uma sala de aula é caracterizado como indisciplina, e se assim agir deverá haver sim uma punição, que devem saber qual é que será estabelecida pelos pais, como, por exemplo, só poderá jogar vídeo game se tiver feito as tarefas. “Os filhos precisam entender que têm a responsabilidade de estudar e que seus pais os estão ajudando a cumprir um dever que faz parte da ‘brincadeira’ da vida.” (TIBA, 1996, p.26)

Zagury (2002) descreve que a indisciplina não começa do nada e já chega a fase três da total perturbação do indisciplinado e dos que o cercam. Em seu primeiro momento começa com as tentativas ou a não realização do que foi solicitado pelo professor ou pai. Como por exemplo o fingir que não vê e a persistência do erro, que muitas vezes passa despercebida.

A segunda fase apresenta a dificuldade crescente de aceitação de limites, como descreve Zagury (2002, p.39):

Sem orientação e sendo atendida sempre que grita, bate, quebra coisas, esperneia ou xinga, a criança vai adotando essa mecânica como forma de comunicação e controle do mundo e das pessoas. Quando começa a ir à escola, por exemplo, tende a não aceitar restrições às suas ações: se quer ir brincar no pátio na hora em que crianças maiores lá estão e, por isso, é vedada a ida dos menorezinhos, ela apronta um escândalo, chora, grita, agride, chuta até ser atendida.

O segredo desta fase é reforçar comportamentos positivos e repreender os negativos. Desta forma, haverá uma noção do que é certo ou errado.

Já a Terceira fase é constituída de Distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento é caracterizada por ter um comportamento que se confunde ao do hiperativo, que, por vezes, o sem limites é chamado de hiperativo.

A indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático- pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teóricas pedagógicas. (AQUINO, 1996, p. 40 *apud* CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.3).

Para medir a paciência do educador, o aluno, nos primeiros dias em sala, pode agir com atitudes equivocadas, que chamam a atenção na busca de serem repreendidos pelo professor e ovacionado pelos colegas, pelo enfrentamento e audácia. Esses atos de rebelações são para conhecer como o professor vai agir, e acaba tratando o docente como inimigo, culpado da sua aprendizagem ou não aprendizagem. “Onde na maioria das vezes acaba acontecendo que nenhuma disciplina consegue conter toda a desordem que o indisciplinado faz, mas é bom lembrar que essas atitudes são cometidas apenas por alguns alunos e ocorrem com determinados professores” (CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.4). A indisciplina é um dos maiores obstáculos da não aprendizagem e do desgaste do educador. Como escreve Carvalho e Rodrigues (2016):

Os conflitos ocasionados por alunos indisciplinados dentro da sala de aula, ocasiona em desgastes emocional o professor, perda de autoridade, perdem até mesmo estímulo pela profissão, com isso, teria uma perda de tempo que deveria ser utilizado para a produção de conhecimento, e muitas vezes os educadores por mais que sejam grandes mestres ainda são enxergados como mandões, autoritário e carrascos (CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.4).

Alguns educadores, que estão há um tempo em campo, aparentam estar desgastados com sua metodologia, com sua paciência e por isso acabam não conseguindo atender as novas demandas das novas gerações de alunos: crianças carentes ou adolescentes que tomam bagunça, vandalismo etc, uma forma de chamar a atenção. “A falta de afetividade, um problema também ligado à família, compromete seriamente o desenvolvimento da criança, encontrando-se no aspecto psicológico da aprendizagem” (GARCIA, 2016, p.26). Os pais, que não sabem agir com carinho com seus filhos tendem a perdê-los e tendem a prejudicá-lo aprender pois eles não tem interesse em mais nada a não ser em interiormente se indagar por que não satisfaz emocionalmente seus pais e nem a si próprio.

Alguns professores procuram tornar sua sala de aula um ambiente de aceitação e espontâneo, mas a liberdade que tem dado aos seus alunos, vem trazendo os momentos de aprendizagem com características permissivas da diferença, pois os alunos trazem hábitos ruins de casa, e acham que podem fazer igual na sala. “A indisciplina escolar se expande num intervalo de variabilidade que bem pode ir do não querer emprestar a borracha ao colega até o extremo de falar quando não foi solicitado, passando, é claro, pela conhecida resistência a

sentar-se adequadamente na carteira” (LAJONQUIÉRE, 1996, *apud.* CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.6)

O importante é municiarmos os filhos (crianças) com um laço e um instrumento chamado de relacionamento social. A criança é o futuro cidadão, dessa forma, é preciso que desde cedo ela aprenda a formar sua opinião e respeitar o seu próximo, para assim, interagir positivamente com o mundo. Que poderão desfrutar de seus lucros e frutos do seu trabalho. Deve-se ensinar a lutar. Mas lembrá-los que a melhor guerra é a da inteligência, de quem sabe se comunicar. Educar e ensinar é uma tarefa árdua, longa e cansativa, porém é a melhor forma para que se possa levar os filhos cidadãos, responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres.

2.3 - Organização do Trabalho Pedagógico do Educador

Como se programar para uma boa aula? É perceptível que a maioria dos professores não tem feito planejamentos e ainda mais planos de aulas atrativos. É importante salientar que alguns questionamentos são a base do meu entendimento sobre a importância e o fazer de um plano de aula, são elas: Qual é a sua intenção? O que você pretende nessa aula? Quais são os seus objetivos?". É possível ter uma qualidade educacional principalmente na escola pública.

[...] a qualidade se transformou em um conceito dinâmico que deve se adaptar permanentemente a um mundo que experimenta profundas transformações sociais e econômicas. É cada vez mais importante estimular a capacidade de previsão e de antecipação. Os antigos critérios de qualidade já não são suficientes. Apesar das diferenças de contexto, existem muitos elementos comuns na busca por uma educação de qualidade que deveria capacitar a todos, mulheres e homens, para participarem plenamente da vida comunitária e para serem também cidadãos do mundo (UNESCO, 2001, *apud* GADOTTI, 2010, p.3).

Como já foi mencionado, as mudanças sociais, culturais e de hierarquização tendem a tornar mais difícil preparar uma aula mais atrativa, diante da diversidade de valores e culturas sociais dentro do local de trabalho, entretanto, muitas vezes é preciso criar variações em nossas práticas dentro da mesma aula, para atender aos diferentes tipos de aluno para que todos avancem e possam aprender. Sabe-se que o currículo nada mais é do que uma representação do componente curricular” [...] organização e a gestão do trabalho educativo, que implica condição de trabalho, processos de gestão educacional, dinâmica curricular, formação e profissionalização [...]” (GADOTTI, 2010, p.8). Deve-se haver uma consciência de que o professor deve ser um estudioso, em todos os momentos, para adaptar-se e mudar a

sociedade. A qualidade depende de quê? Nesse sentido, o autor responde: “Qualidade não se mede só pela reprodução de conteúdos, mas pela criação de conhecimentos e esta se conquista pela pesquisa, pela leitura, pela reflexão. Somos seres programados para aprender. Para estudar basta saber pensar” (GADOTTI, 2010, p.25).

Os adolescentes já vem com experiências e ideias adquiridas com os anos anteriores, mas ainda assim é possível fixar limites nos mesmos, pois são capazes de aprender, por isso estabelecer os limites é regra necessária. Pois eles ainda aprendem, como sustentava Jean Piaget: “você só sabe realmente o que construiu de forma autônoma”. Como o cérebro está programado para aprender, não paramos nunca de aprender. Aprendemos mesmo enquanto dormimos. Não aprendemos apenas na escola“ (GADOTTI, 2010, p.25).

Embora os pais e professores possuam o poder de decisão sobre o sujeito (criança), de nada adiantará deliberarem que o adolescente está pronto para enfrentar o dia a dia da sala e aula se ele próprio, em sua globalidade, não estiver consciente disso. O seu corpo poderá não corresponder ou ficar em inércia, tudo com o intuito de rejeição do desenvolvimento esperado pelos outros. Como descreve Garcia (2016, p.29): “Qualquer forma de ensino se a criança não estiver emocionalmente, psicologicamente preparada não ocorrerá, pois sem querer inconscientemente sua mente e psique não agirão em prol da aprendizagem”. Consolidando seu conceito de aprendizagem, não somente como fator de desenvolvimento biológico Garcia (2016, p.29) escreve:

[...] a aprendizagem é um processo natural do ser humano, mas o apressamento da aprendizagem formal não lhe traz benefícios porque, segundo Picq e Vayer (1988, p. 35-6), toda atividade exige três etapas funcionais ligadas entre si e dependentes umas das outras: “o PODER que corresponde à integridade dos órgãos motores, o SABER, que corresponde às coordenações das diversas sensibilidades permitindo a passagem ao plano psíquico, o QUERER que corresponde à consciência”.

É nessa capacidade de aprender e transformar que se acredita em uma educação de qualidade, preparada para gerir uma sociedade consciente e cada vez mais próspera onde nós seres humanos temos um cérebro pensante que nos agrega conhecimento a todo instante, e melhor, somos capazes de compartilhar, até de nos comunicar sem ser pela fala.

A LDB (BRASIL,1996) em seus artigos também estabelece os currículos do ensino fundamental, com conteúdo de base nacional comum, a ser complementada de acordo com as necessidades do sistema regional de ensino, das escolas, respeitando as características

regionais e locais, por exemplo, nas zonas rurais com época de colheita, plantio etc. A LDB (BRASIL,1996) também contempla a atuação dos professores diante das atividades da escola:

Art. 13. Os docentes incumbir-se-ão de: I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; II – elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino; III – zelar pela aprendizagem dos alunos; IV – estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento; V – ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional; VI – colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Portanto, é garantido por lei que os professores zelem em prol da qualidade da educação, buscando desenvolver estratégias e a proposta pedagógica, planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional que proporcione o aprendizado dos alunos e colaborando para que todo esse processo ocorra articulado com a família.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da perspectiva materialista histórico dialética, uma vez que o problema proposto que é a apreensão da percepção dos professores acerca da influência da família no processo ensino aprendizagem, depende do contexto (sociedade, cultura...) onde o fenômeno ocorre, buscando aproximações e distanciamentos nas falas dos sujeitos assim como da literatura; (MARX, K). Esse método nos possibilita uma investigação detalhada, com a coleta de informações de um ou mais grupos, objetivando analisar o contexto e os recursos envolvidos no fenômeno de estudo, porém preservando do objeto estudado o seu caráter unitário (GOOD; HATT, 1979, p. 422).

Buscando analisar a temática proposta, o projeto foi elaborado inicialmente com uma pesquisa de caráter bibliográfico, com o intuito de recolher informações e conhecimentos prévios para construir meu aporte teórico (MINAYO, 2007). Foi desenvolvido por meio das seguintes etapas (seções): 2.1 - “A Família” descrevo o conceito de família, os modelos de família e aborda sobre as legislações legais; 2.2- discorre sobre Indisciplina e Limites: “Hora do Sim e Hora do Não”; e 2.3- analisa a Organização do trabalho pedagógico do educador.

A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2018, tendo como sujeitos 08 professores do 6º ano do ensino fundamental de duas escola pública na região administrativa de Sobradinho / DF, sendo 4 em cada uma e escolhidos de forma aleatória. Lembrando que

devido ao fato de manter o sigilo de pesquisa, as escolas serão abordadas, neste trabalho, como sendo, escola 1 e escola 2, e da mesma forma respeitando o gênero porém codificando o nome dos participantes. As coletas foram realizadas na própria escola com a autorização da diretoria e o consentimento dos próprios professores conforme termo de consentimento esclarecido (TCLE: ver anexo 2), sendo aplicada de forma individual. Após a coleta, os dados foram transcritos e analisados por meio de leitura crítica. Os professores serão identificados com P1, P2, P3 e assim, respectivamente.

Na escola 1, como técnica para coleta de dados, foram realizadas entrevista semi estruturada a fim de levantar e confrontar os dados necessários à compreensão da realidade escolar. Segundo Manzini (1990/1991), este tipo de entrevista necessita a confecção de um roteiro com as principais perguntas, porém, algumas informações pode surgir de forma mais livre no momento da entrevista, não tendo desta forma perguntas específicas e respostas codificadas. As respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Já na escola 2, devido à incompatibilidade de horários, optei pela aplicação de questionário, com as questões abertas elaboradas para as entrevistas, permitindo, assim, ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir suas opiniões. Questionário é um "Instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, não necessitando a presença do pesquisador" (MARCONI; LAKATOS, 1999, p.100).

Contudo, houve certa dificuldade em organizar e categorizar as respostas, já que o questionário era constituído por questões abertas, dando uma maior liberdade de expressão sobre os questionamento, do que com respostas pré-definidas pelo questionário.

4. RESULTADOS e DISCUSSÕES

Aqui serão apresentados os resultados encontrados acerca da percepção dos professores participantes sobre indisciplina e sobre como a família pode contribuir para amenizá-la. Participaram dessa pesquisa professores das séries finais do ensino fundamental, que lecionam em duas escolas públicas de Sobradinho II, durante o mês de maio de 2018, onde responderam a 11 questões. Apresento a seguir a análise das estatísticas descritivas da amostra:

Quanto à formação e experiência profissional no ensino, constatei que todos os professores participantes estão em sala de aula há mais de quatro anos, o que indica que os mesmos possuem uma boa experiência como docente. A formação acadêmica dos docentes do estudo pode ser assim observada (Graduados): 2 História, 2 Língua Portuguesa, 1 Ciências Naturais, 2 Geografia e 1 Matemática. Chamou a atenção quanto os motivos que os levaram à escolha da profissão, surgindo diversas respostas, porém nenhuma apresenta que devido a falta de opção, por exemplo. O que demonstra que "ensinar não deve ser meramente uma profissão e sim uma vocação, do qual o professor se orgulhe do que faz".

"Não sei ao certo, acho que foi mais em interesse pessoal de querer aprender mais e o fato de gostar de ensinar". (P2)

"Filha de professora... Também eu sempre gostei de ler e de pessoas. Acho que essa profissão nos proporciona essas oportunidades de aprendizado". (P3)

"Optei por fazer uma licenciatura (História) por influência do meu pai, que trabalhava no museu quando eu era mais novo e eu gostava do ambiente e tal de museu... que era sobre Brasília, que era o Museu Vivo da História Candanga [...] eu tinha uma aproximação muito forte com a cultura HIP Hop, Rap, a música e que eu ouvi muito os caras falarem sobre identidade, sobre a história do homem negro no Brasil [...] eu acabei optando por fazer História pra mim aprofundar nisso e principalmente por conta de perceber que existe a deficiência...e no ensino Público de falar sobre a cultura e também da Africana, sobre a questão do negro que isso é uma coisa ainda que é muito ... vista de forma rasa, não e muito aprofundada ... então eu quis meio que adentrar por essa área pensando nisso também [...]" (P5)

"Na verdade quando eu fiz o ensino médio eu gostava muito da área de exatas, e aí quando chegou o terceiro ano e ia fazer o vestibular eu procurei, eu ia tentar fazer o curso de Física, mas aí eu procurando, procurando... e eu encontrei o curso de Ciências Naturais lá de Planaltina na Unb, e aí realmente eu fiz o vestibular pra lá por ser mais amplo, por pegar. Abranger Física, Química, Biologia eu não sou muito adepto [...]" (P7)

"Bom eu sou professor de Geografia, me formei em 1981. Em um primeiro momento minha intenção não era fazer Geografia não, era fazer economia, mas no desenrolar do curso eu fui gostando, fui gostando e acabei ficando. Logo após me formar em Junho, em Outubro teve concurso da secretaria, eu fiz passei e em Fevereiro de 1982 eu já fui chamado e desde então que eu estou na luta. Dá aula pra 10 turmas (6º e 7ºanos), 30h/a mais 10 de coordenação". (P8)

O segundo questionamento foi quanto à identificação dos alunos, e o que se observa não é nenhuma novidade, de modo geral os professores conseguem identificar boa parte de seus alunos, porém não todos.

“50 Ou 60% deles”. (P1)

“Em algumas turmas sim, em outras não”. (P2)

“Sim. Sei o nome de todos eles. A maioria também pelo sobrenome” (P3)

Na terceira questão procurei conhecer as dificuldades com a indisciplina dos alunos na sala de aula

“Sim. Cada turma tem 3 ou 4 alunos que são... bagunça, falta de interesse. Como costuma lidar com ela: ‘Primeiro converso com eles, que minha tentativa é com o diálogo, com o restante eu chamo o coordenador ou outra pessoa da escola pra encaminhar alguma coisa pra família. Atribui a indisciplina em sala de aula a Falta de pre requisito do aluno, falta de interesse, falta de acompanhamento familiar, eh eu acho que a própria escola teria que ser... “pegar mais pesado” com esses alunos”. (P6)

“Muita, muita dificuldade. Eles não tem assim, aquela questão bem definida de valores. Valores que vêm de casa, valores da formação de casa, ele não tem essa noção. Eles acham que estão na varanda da casa deles, que podem fazer o que eles quiserem. Então a gente se desgasta muito com isso”. (P8)

“Não assim, acho que o principal, assim voltado pro 6º ano é mais a questão da energia deles não de indisciplina. Lida com isso com tem que deixar sempre eles ocupados e tentar fazer sempre coisas diferentes... Atribui a fase de energia que eles querem por pra fora”. (P7)

“Tem professores que eu vejo que percebe, eu não percebo. Eu percebo uma outra coisa, eu percebo que os alunos que em geral tem dificuldades, eles já passaram ou estão passando alguns por um processo de evasão escolar, aqui já ... pra mim tá sendo perceptível isso, os alunos que no começo do ano davam mais trabalho no início do ano já não estão vindo mais, não tão vindo mais. Eh um problema que eu acho que não é só nessa escola porque eu vivenciei isso em outras também, os meninos que tem essa tendência a dar mais trabalho de comportamento e tudo mais eles estão evadindo.” (P5)

O presente professor não percebe a indisciplina como um fator de falta de limites, mas sim de desinteresse, de uma questão de persistência de permanecer na escola ou na sala de aula, falta de valorização do estudo onde a escola não ensina a ele o que ele anseia neste momento e sim coisas que acredita que não vai precisar, como coloca Carvalho e Rodrigues (2016):

A indisciplina em sala de aula se deve também ao lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, muitas vezes estão mal preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais e acabam produzindo a sua própria indisciplina, como por exemplo: como são partilhados os espaços, o tempo, as redes de relações que, quando o professor não consegue perceber essa teia, pode ocorrer conflitos e divisões de opiniões do grupo. (CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.5)

As relações existentes entre o aluno e o contexto escolar não condizem com o que um espera do outro e a relação aluno e escolarização fica inapropriada, favorecendo a evasão escolar. Como o P5 coloca existem muitos fatores, ou seja, ele coloca a indisciplina como um fator social, mas o principal é como o aluno visualiza a estrutura escolar:

‘Eu acho que são muitos fatores: tem a questão de desestrutura familiar, de não enxergar na escola algo que pra eles vai ser benéfico, então os meninos eles não veem a frente, eles tem dificuldades de abstrair... de sonhar com algo melhor no futuro, eles vivenciam muito o presente, e quando eles percebem que no presente a escola não trás nenhum retorno pra eles acabam evadindo. Eles não enxergam aqui como algo que vai beneficiar eles em alguma coisa. Então se não vai beneficiar eles acabam caindo fora. É isso que acontece. A escola não é atrativa pra ele’. (P5)

Na verdade, pode-se perceber na fala do educador de História, que há uma carência dos alunos em reconhecerem-se como seres humanos sociais que estão presentes no futuro e precisará de seus estudos para ter uma carreira. Conforme Tiba (1996, p.95) a falta de importância da escola vem de casa:

É interessante notar que atualmente estão sumindo das casas as bibliotecas e as escrivaninhas, e aumentando o número de poltronas, bares e televisores. Não é só um problema de redução de espaço, mas também de ordem cultural. As famílias que privilegiam o estudo ainda possuem escrivaninha ou um local próprio para ele. Dificilmente o estudo sistemático entra no esquema funcional de uma casa sem biblioteca e escrivaninha porque os atrativos são outros. O estudo acaba alterando a função dos ambientes: a mesa de jantar, por exemplo, faz as vezes de escrivaninha.

Tiba (1996) coloca que no ambiente em que criança sai e retorna para fazer suas tarefas se não tiver um local específico valorizando este momento que deve se dedicar ao estudo, por que o estudar seria importante então se meus pais não julgam isso. Tem bar, tv sala de jogos mas não tem um lugar para se concentrar e estudar, é porque não é importante.

Segundo Carvalho e Rodrigues (2016):

[...] onde se atribui uma carência estrutural no educando, causada por tais fatores: sócio histórico que são os condicionantes culturais; atribuindo ainda aos problemas econômicos; psicológicos, a carência familiar ou a distúrbios psicológicos dos alunos; a má formação e a incapacidade do professor de administrar as novas formas de existência social concreta contribuindo para que pensem criticamente sobre sua função que desempenha como educador; e a baixa qualidade da educação nas escolas (CARVALHO; RODRIGUES, 2016, p.2).

Como os autores escrevem há também uma incapacidade dos professores perceberem a indisciplina do aluno e perceber as reais necessidades de aprendizagem de seus alunos, acarretando em uma falta de qualidade educacional.

Quando questionados da forma como lida com a situação, observa-se que a postura mais comum é o encaminhamento de alunos para a direção, seguido pela postura de chamar a atenção do aluno. Pouquíssimos professores preferem resolver a situação diretamente com o aluno através do diálogo.

“Procuo expressar como me sinto”. (P1)

“Chamo atenção da turma de modo geral, quando não dá certo, chamo atenção de alguns alunos específicos, quando não dá certo, “ameaço” de mandá-los à direção, quando não dá certo, mando pra direção”. (P2)

“Aplicando sanções (advertência, suspensão...)” (P4)

A quinta questão levantada foi quanto aos fatores que levam à indisciplina em sala de aula. Analisando as concepções apontadas pelos professores, constata-se que a maioria dos participantes concebe a indisciplina como um problema externo à sua prática, e, em quase todos os discursos, é citado a questão familiar (desestruturação familiar).

“A tudo que integra o sistema: Estado, escola e famílias.” (P1)

“Desinteresse do aluno, causado por diversos fatores como: defasagem do sistema de ensino, distanciamento da realidade deles, desestrutura familiar, falta de perspectiva, imaturidade, falta de interesse do professor pelo aluno”. (P2)

É interessante a fala do professor P2 de perceber e declarar que há educadores que desistem (desinteressam) dos alunos. Dentro de nenhuma faculdade está o ensino do amor, mas ser professor é uma profissão para quem tem amor, para dar, emprestar e distribuir. Quando um professor desisti de um aluno desiste de uma parte dele, desiste de persistir e de amar o que faz que é educar. Quem ensina deve auxiliar seu aluno no desenvolvimento de habilidades que forneçam ao adolescente, o acreditar nele mesmo que é a autoestima, que é o acalantar para motivar.

“A princípio com energia, depois identifiquei que a indisciplina deles era motivada pela falta de pré requisito, uma certa vergonha porque estão com a idade avançada para a série que estudam, problemas familiares e, alguns, problemas de aprendizagem (a escola é inclusiva). Acrescento que eles formam grupinhos de amigos, em sala, e isso motiva a conversa entre eles. Os professores e a coordenação remanejaram esses alunos para observarmos a possível melhoria dessa conversa”. (P3)

A questão 06 leva em consideração a relação família/ escola como um fator de relevante dificuldade, com isso, ressalta a opinião dos docentes.

“Sim. Ambos os lados possuem problemas e dificuldades e culpam-se mutuamente.” (P1)

“Sim. Porque quando o aluno vem de uma família desestruturada ele não tem perspectiva para a própria vida, e mesmo que seja uma família “estruturada” se o aluno não contar com o apoio e acompanhamento dos pais, muitas vezes, ele acaba se sentindo “largado” e isso, muitas vezes reflete em sala de aula.” (P2)

“Acredito e observo que essa relação família/escola apresenta dificuldades por vários fatores. O principal deles são as famílias que na sua maioria, não tem presença do pai, a mãe trabalha o dia todo, ficando ausente de casa por muito tempo, não conseguindo acompanhar os estudos do filho.” (P3)

“Sim, porque a família está acreditando que a escola deve assumir a parte da educação familiar e não somente a formação do aprendizado”. (P4)

“Claro, claro... isso é preponderante pra dificuldade que a gente tem dentro de sala de aula, porque a má formação familiar dos alunos, muitos tem famílias desajustadas, tem muitos aqui que nem tem familiar... Isso dificulta demais pra gente, eles não respeitam, que teriam que ter por pai e mãe... e tal, então fica muito difícil pra eles passarem a nos respeitar como professores”. (P8)

Quando questionado se consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos, a maioria cita que é muito pouco, apenas quando chamados (reuniões).

‘Muito pouco. Eh... não são muitos pais que vem, os pais em geral eles não vem... apesar de que no 6º ano são os pais mais presentes acho que por conta da idade, os alunos que tem mais dificuldades mesmo, que precisariam de acompanhamento são os que os pais menos vem.’ (P5)

“ Não. Assim diretamente atuando direto conosco não. Sim, aí geralmente quando você tem que chamar sim”. (P7)

Essa fala dos professores remete ao fato de se educar com carinho, não importa a idade, seus filhos merecem atenção, como já foi escrito neste trabalho. Demonstra ainda a preocupação dos professores quanto a necessidade de diálogo entre pais, filhos e escola como uma forma de ajudá-los mutuamente em suas limitações. De acordo com Weber (2012) a construção da autoestima se faz necessária:

A autoestima elevada vem do fato de sermos e nos sentirmos amados, especialmente por aqueles que amamos e que cuidam de nós. Vem do que chamamos de amor incondicional. Em poucas palavras, o seu filho precisa saber que você o ama não importa que erro ele tenha cometido ou o quanto você esteja zangado com ele.

Ir às reuniões fará com que os filhos se sintam valorizados, são pequenos detalhes que os fazem sentir-se amados e se comportarem de forma positiva. É importante salientar que adolescentes não são adultos, e nem tão pouco responsáveis por eles mesmos.

Acha que a comunicação com os pais dos alunos deve fazer parte das tarefas de um professor? Se sim, até que ponto, em termos práticos? Se não, como deve ser feita esta comunicação?

“Sim, mas não de modo/maneira de extensão da maternidade/paternidade. Mas que perceba o professor como um profissional, um especialista”. (P1)

“Sim. Mostrando aos pais o interesse ou desinteresse desse aluno, como ele se comporta em sala de aula e na escola, e mostrando para os pais um lado do aluno que muitas vezes eles não conhecem”. (P2)

“Acho muito importante essa interação das famílias dos educandos e a escola. Já respondi acima como faço essa interação”. (P3)

“Sim, pois é o profissional mais próximo do aluno” (P4)

Diante dos dados coletados, constatou-se que 100% dos professores julgam importante a participação da família na vida escolar dos filhos, atribuindo aos pais diversas responsabilidades (funções).

“Eu acho que existe uma... um pensamento que eu tenho de que é assim, a participação dos pais, a participação dos professores e o interesse do próprio aluno é 33% cada um, cada um tem a sua parcela de importância na minha opinião são iguais. Eu acho que o aluno... Talvez o aluno tem até mais importância, mas quando ele não tem esse apoio em casa, é muito mais difícil dele conseguir esse rendimento na escola do que os que tem a família presente”. (P5)

“Deveria agir, acompanhando os estudos dos filhos, inclusive o que ele tá fazendo no dia a dia abrindo o caderno, procurando fazer com que o aluno se superasse pra ir além do que ele vê na escola no dia a dia. (Superação/ incentivo/ Gratificante: Sim, mas que fosse... tem a questão social também, tentar se superar, ser melhor do que já é... procurar uma profissão bem remunerada e por aí vai”. (P6)

“Aquela participação ativa, evidentemente, seja com o dever, seja com a cobrança né. Então, as vezes o aluno vem aqui com o dever de casa sem ter feito, então o pai nem olhou o caderno. Antigamente tinha aquela questão do pai tá olhando o caderno, se tá positivo se tá negativo. Hoje em dia não tem mais isso. Então, é efetivamente, é cobrança, é ajudar, auxiliar estudar pro teste estudar pra prova. Hoje os alunos já não estudam mais pras provas. Antigamente a semana de provões era tenebrosa, o aluno ficava estudando a noite toda pra fazer a prova, hj em dia não tem mais essa preocupação, nem os pais não tem mais, essa preocupação” (P7)

Por fim, questioneei sobre as atividades de casa e auxílio dos pais na realização e me surpreendi quando os professores afirmaram que costumam passar tarefas pra casa e que tem um bom retorno, alguns afirmando inclusive perceber a ajuda dos pais. Entretanto o P5 chega a justificar o por que de alguns pais não ajudarem na tarefa, “por serem analfabetos”, mas para

cobrar dos filhos a execução das mesmas ou um comportamento ético e educado, não precisa ter estudos e sim consciência da sua responsabilidade.

“70% Retorna a atividade”. “Acho que não tem não. Muitos pais aqui na comunidade, que são comunidades carentes não são alfabetizados, são semi analfabetos, mas muitos alunos tem feito as atividades, eu acho que muito mais por uma questão de coação da nossa parte.” (P5)

“Sim. Tem uns trabalhos de pesquisa, o retorno é bom, muitos alunos fazem, a minoria que não fazem”. “Não. Sozinhos... Poucos alunos declaram que os pais ajudam”. (P6)

“Quase sempre. Apenas 30 a 40% realiza só”. “Sim. É muito difícil o aluno que faz sozinho” (P7)

O fato de seus pais serem semi analfabetos e não poderem ensina-los é um fator desmotivador, mesmo assim, os professores “esperam” uma maior cobrança quanto á responsabilização dos filhos. Acreditam ainda que uma parcela considerável desses alunos e pais não agregam valor as atividades escolares e talvez nem a uma cultura de valorização da escola enquanto elevador social. Segundo Weber (2012, p. 37-38):

Desta forma, os pais deixam de lado a monitoria e a criança pode, futuramente, apresentar sérios problemas de comportamento. Com mais idade, na época escolar, as outras crianças não gostarão de brincar com cia e poderão rejeitá-la. Acabará por se juntar a coleguinhas que sejam como ela, podendo intensificar esse comportamento antissocial. Os pais tendem a deixar essa criança mais de lado, pois também não suportam ficar muito tempo com ela, e o ciclo continua. Pesquisas mostram que crianças com comportamentos agressivos, ou rejeitadas pelos colegas, tendem a entender que a agressão é um a boa maneira para resolver problemas e tendem mais a ver o comportamento do outro como hostil, por exemplo, leva uma bolada nas costas e acha que foi de propósito.

Quanto mais sozinhas as crianças se sentem, mais tendem a fazer coisas erradas, pois desta forma chamarão a atenção dos pais e se sentirão confortadas mesmo que com brigas, castigos e, as vezes, até com surras, o que agrava seu comportamento, podendo mudar características comportamentais das mesmas, como coloca Weber (2012, p 38):

Se a criança continuar com esse comportamento, ao chegar à adolescência poderá ter claramente comportamentos antissociais (enganar, mentir, roubar, destruir, agredir etc.), pois não aprendeu auto controle, não aprendeu a ter tolerância à frustração e acha que pode fazer qualquer coisa para ter o que deseja. Em vez de desenvolver habilidades pró-sociais para obter o que deseja, esta criança aprendeu a desenvolver habilidades antissociais.

É fundamental, diz o autor, o papel da família na formação do caráter de seus filhos, desenvolvendo neles a consciência dos limites, o que vai permitir que o indivíduo não tenha condutas indesejáveis que venha a prejudicar a sua convivência em sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa sofreu, no decorrer de seu desenvolvimento, várias mudanças, questionamentos e inquietações até que chegasse a seu término, e delimitou como seu objeto de campo de estudo o ponto de vista educacional institucional. Não ouvindo as considerações dos alunos e de seus familiares.

Após leitura de várias obras que relatam sobre a indisciplina na escola, junto com os dados relatados no trabalho de campo, percebe-se que a indisciplina existe, entretanto não é algo novo, a situação já persiste, e vem se agravando há décadas, todavia com manifestações e consequências diversas. Devido a este fato, não existe uma única forma de a contornar.

Conforme os teóricos, o que se pode dizer e pensar, á princípio, é que, ao longo da história houve profundas mudanças na sociedade, e o perfil familiar vem passando por intensas modificações, e com isso as crianças são submetidas a sistemas de criação diferentes, dependendo do "cuidador" do momento.

É impossível falar de indisciplina sem pensar em autoridade, portanto, ter autoridade é muito diferente de ser autoritário. Ter limites é importante para o ser humano, pois ele tem a necessidade de se relacionar e, portanto, deve-se compreender que é preciso saber ouvir “sim” e “não” quando necessário. É necessária a compreensão de que existem alguns padrões normatizadores da ação humana, e que esses devem ser respeitados, uma vez que os direitos são para todos e que existem outras pessoas no mundo.

Fica evidente que a família e a escola são duas instituições diretamente ligadas ao ser humano em desenvolvimento, logo, algumas das formas de solucionar a indisciplina passa pela junção de esforços entre a escola e a família. No entanto, a melhor forma de resolver a questão é apostar na prevenção que começa na família e é completada pela escola.

Percebe-se, então, que a questão da indisciplina escolar hoje está associada justamente às ideias de limites, a falta de educação por parte dos alunos também é causada pela desestruturação das famílias, a distância dos pais em relação à vida escolar dos filhos.

Diante dos depoimentos dos professores, nota-se que, embora tenham visões diferentes quanto a indisciplina, ambos compactuam da ideia de que é necessária mais colaboração por parte dos pais no processo de ensino - aprendizagem dos seus filhos e que as mudanças sociais, culturais e de hierarquização, dificultam o trabalho do professor pois tem

forte influência no interesse pela escola, pois os alunos não se sentem motivados para aprender e alguns querem apenas conversar com os colegas, tendo como resultado uma inapropriação de conhecimento.

Este trabalho revelou-se um pouco árduo, mas muito gratificante, pois, a partir destas reflexões e constatações, fica nítida a importância do Professor na escola, porém há necessidade de criação de equipes multidisciplinares que acompanhem e apoiem mais o professor e da necessidade de elaborar ações que leve a uma participação maior da família. Descobri, também, que o tema é muito mais amplo do que se pode imaginar, as causas são inúmeras e dificilmente se chega a uma conclusão.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

BIN, A. C. Como explicar a 'falta de interesse' dos alunos?. **Encontro: Revista de Psicologia**, v. 14, n. 20, p. 117-133, 2015

BRASIL. LDB : **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

DIAS, Magda Gomes. 2015. **Crianças felizes**. O guia para aperfeiçoar a autoridade dos pais e a auto estima dos filhos. Ed. A esfera dos livros: Lisboa, Portugal. 2015.

CARVALHO, Luana Patrícia; RODRIGUES, Erinaldo Reinaldo. **A indisciplina na escola: causas e diferentes manifestações**. 2016. Disponível em https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_indisciplina_na_escola_0.pdf> Acessado em 29 maio de 2018.

GARCIA, Daniela Luiza. **Neurociência E Aprendizagem. (Material Didático)**. Instituto Prominas. Minas Gerais. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Qualidade na educação: uma nova abordagem** -Moacir Gadotti. -- São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. (Instituto Paulo Freire; 5 / Série Cadernos de Formação). 2010.

GEBARA, Tânia Aretuza Ambrizi. **Gênero, família e relações étnico-raciais: um estudo sobre mulheres pardas e provedoras, e as relações que estabelecem com a educação de seus filhos e filhas**. [tese-doutorado] UFMG. Belo Horizonte, MG. 2014

GOODE WJ, HATT PK. **Métodos em pesquisa social**. 5a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1979:422.

LEITE, Francisca Oleania Torquato. **Família e Escola: parceria necessária para erradicar o fracasso escolar**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Educação, Lisboa. 2015

LEVY, L. A. da C. **Família Constitucional, sob um olhar da afetividade**. Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII 74, 2010.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

MARX, K (1980) **O capital**. São Paulo, Abril Cultural, v.1, p. 81-257.

MASSETO, M. **Didática: A aula como centro**. São Paulo: FTD. 1996

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco; 2007.

MOURA, Dirley Aparecido de; PRODÓCIMO, Elaine. Indisciplina escolar na perspectiva de docentes e gestores de escolas estaduais de Indaiatuba/SP. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 47-63, julho/2017.

REINKE, Ana Rutz Devantier; SANGIOGO, Fábio André. A Ciência Química Na Percepção De Estudantes Dos Anos Finais Do Ensino Fundamental. **REVISTA DEBATES EM ENSINO DE QUÍMICA**. UFPel./UFSC, Santa Catarina-RN 2017. – ISSN: 2447-6099 Disponível em: www.journals.ufrpe.br/index.php/REDEQUIM/article/download/1621/1488

REGO, T. C. **Memórias da Escola: Cultura Escolar e Constituição de Singularidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003

SOUZA, Carolina M. B. de. Família contemporânea: mudanças e permanências. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 623-625, Set./Dez. 2008.

<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT650852-1653,00.html>; edição da revista ÉPOCA de 29/dez/2003; acesso em 25/05/2018 às 20:44

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

Weber, Lidia. **Eduque com carinho**. 4a ed., 11a tir./ Ilustrações de Benett./ Curitiba: Juruá, 2012.

ZAGURY, Tânia. **Limites sem traumas: construindo cidadãos**. Record, 23º ed. Rio de Janeiro 2002.

7- APÊNDICE

⇒ **GUIA DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

Tema: “Convivência Escolar: As mudanças Sociais e sua influência na Educação e na Organização do Trabalho Pedagógico”

Objetivos: Conhecer a percepção do professor sobre indisciplina e sobre como a família pode contribuir para amenizá-la.

Data: ____/_____/____

Entrevistadora: Ana Paula Alves de Oliveira Registro Geral: 1945164 SSP/DF

Nome do professor (opcional):

Sexo:

Disciplina que leciona/ série (ano):

ROTEIRO DAS PERGUNTAS

- 1- Fale um pouco sobre a sua formação e experiência profissional no ensino:
 - a) O que te levou a escolher essa profissão?
 - b) Há quantos anos você leciona?
 - c) Qual a sua formação?
 - d) Quantas aulas você ministra por semana?
 - e) Em quais turmas?
- 2- Você consegue conhecer seus alunos pelo nome?
- 3- Você teve ou tem dificuldades com a indisciplina dos alunos na sala de aula?
- 4- Como você costuma lidar com isso?
- 5- A que fatores você atribui a indisciplina em sala de aula?
- 6- A relação família/ escola é apresentada nas pesquisas e discursos educacionais como fator de relevante dificuldade. Você acredita que isso seja verdade? Por quê?
- 7- Você consegue estabelecer alguma interação com as famílias de seus educandos?
- 8- Acha que a comunicação com os pais dos alunos deve fazer parte das tarefas de um professor? Se sim, até que ponto, em termos práticos? Se não, como deve ser feita esta comunicação?
- 9- Em sua visão qual a função dos pais no desenvolvimento escolar?
- 10- Você trabalha com tarefa de casa? Em caso afirmativo, os alunos realizam essas tarefas?
- 11- Você sabe se os pais auxiliam os alunos nessas tarefas?

⇒ **TCLE (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO)**



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

CIÊNCIAS NATURAIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Responsáveis: Ana Paula Alves de Oliveira (pesquisador); Olgamir Amância Ferreira de Paiva (orientador)

Este é um convite especial para você participar voluntariamente do estudo: “Convivência Escolar: As mudanças Sociais e sua influência na Educação e na Organização do Trabalho Pedagógico”. Por favor, leia com atenção as informações abaixo antes de dar seu consentimento para participar do estudo. Qualquer dúvida pode ser esclarecida diretamente com a pesquisadora Ana Paula Alves de Oliveira responsável pelo trabalho (61 99255-1450), estudante de graduação do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina – FUP.

Este estudo tem por objetivo conhecer a percepção do professor sobre indisciplina e sobre como a família pode contribuir para amenizá-la.

O interesse por esse estudo e a escolha desse tema como pesquisa de campo, baseou-se na observação das aulas de Ciências Naturais durante o período de estágio I, por me sentir extremamente incomodada com os relacionamentos interpessoais do contexto escolar, principalmente dentro da sala de aula, e perceber o desconforto do professor diante a situação.

Esse tema estudado é relevante devido à necessidade que a sociedade contemporânea está passando. Como o público de interesse nessa pesquisa envolve os professores, solicito sua autorização para participação nesta pesquisa.

Para a coleta de dados, será realizada entrevistas. As informações relacionadas ao estudo são confidenciais e qualquer informação divulgada em relatório ou publicação será feita sob forma codificada, para que a confidencialidade seja mantida. Garantimos que seu nome não será divulgado sob hipótese alguma. O uso posterior desses dados será restrito ao estudo e divulgação científica.

CONSENTIMENTO DO/A PARTICIPANTE OU RESPONSÁVEL

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e benefícios decorrentes deste estudo, eu, _____ .CPF _____, declaro o meu consentimento em participar de livre e espontânea vontade desse projeto de pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Sobradinho/ DF, _____ de _____ de 2018.

Participante .RG _____

Pesquisador. RG _____